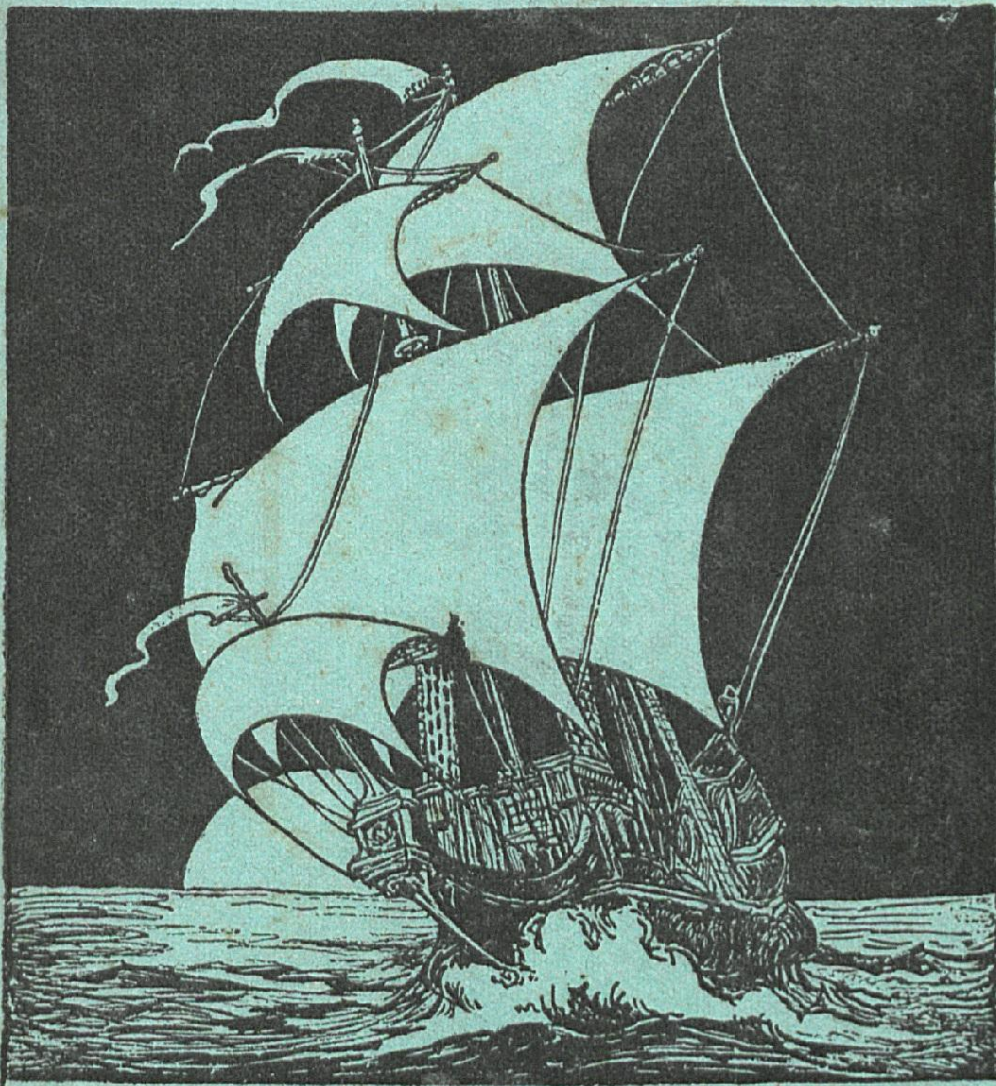


*Vêdo se com
referência*

A: GALÉRA



• REVISTA DE LETRAS-ARTE-E-SCIENCIA: •

Guimarães

1.º ANNO — N.ºs 5 e 6

25 DE FEVEREIRO DE 1915



⌘ Suave mari magno praeteriti
Est procedere ad futurum ⌘⌘

A GALÉRA Revista quinzenal de Letras, Arte e Sciencia. Direcção e propriedade de: Alves Martins, Costa Cabral, Ferreira Monteiro, Nicolau Sobrinho e Joaquim Mathias Lopes. Secretario da redacção: José Henriques Barata. Editor: José E. da Costa Cabral.

Redacção e administração: Rua Fernandes Thomaz, 85-1.º, Coimbra.
Composição e impressão: Typ. «Minerva» de Gaspar Pinto de Sousa & Irmão, Avenida Barão de Trovisqueira, V. N. de Famalicão.

SUMMARIO DOS N.ºs 5 e 6 (1.ª série)
—25 de Fevereiro de 1915:

ANTO E A MORTE, *Alves dos Santos*; ANTO, *Mario de Sá-Carneiro*; BALADA TRISTE DA ALMA LOUCA, *Tito Bettencourt*; ANTO, *Antonio Ferreira Monteiro*; «SÓ», *Alfredo Pedro Guisado*; O POETA (A' memoria do poeta Antonio Nobre), *Maria Emilia*; A HORA DE ANTO, *Alfredo Guimarães*; O MYSTERIO DA «TORRE» (ilustrado), *J. E. da Costa Cabral*; ANTONIO NOBRE EM PARIS, *Xavier de Carvalho*; SONHO DE ANTONIO NOBRE, *Alfredo Pimenta*; ANTONIO NOBRE NO ESTRANGEIRO, *Henrique de Campos Ferreira Lima*; ANTONIO NOBRE, *Castro Alves*; ANTONIO NOBRE (ilustrado), *Antero de Figueiredo*; ANTONIO NOBRE, *Antonio Alves Martins*; «SÓ», *Martinho Nobre de Mello*; NOVENA NAS URSULINAS, *Severo Portela*; SAUDADE DE ANTO, *Antonio Valente de Almeida*; PARA A MEMORIA DE ANTONIO NOBRE, *Fernando Pessoa*; FALA-SÓS, *Affonso Lopes Vieira*; DELIRIO DO MEU DESEJO, *Ruy Gomes*; NA TORRE D'ANTO, *Alfredo da Cunha*; VIDA ETERNA, *Cruz Magalhães*; ANTONIO NOBRE (ilustrado), *Alberto de Oliveira*.

Condições d'assignatura:

Portugal e Colonias

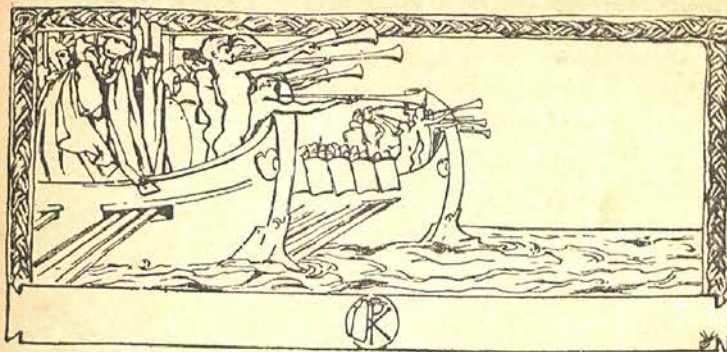
Série de 24 numeros (1 anno)	1\$60
" " 12 " (6 mezes)	\$85
" " 6 " (3 ")	\$46
Numero avulso	\$08

Brasil

Série de 24 numeros (1 anno)	10\$000
" " 12 " (6 mezes)	6\$000
Numero avulso	\$500

PAGAMENTO ADIANTADO

ANNUNCIOS: Contracto especial



Anto e a Morte!

EU nunca vi Anto, e tarde o conheci; mas ouvi falar do egocentrismo de Anto, como duma obsessão, e da sua autolatria, como a dum môrbo...

Môrbo... de alma; *psicastenia*, já se vê; *loucura!*...

Mas, para certos, Lucrécio também passou por *doido*; e Sócrates, por *degenerado!*

Os fulgores do *Pensamento* gerados... pela *bilis negra!*...

Bem dita *bilis*, então, que tais portentos cria...

Sim; sim...

Quem sabe, na vida de Nietzsche, onde acaba o *equilibrio*, e onde começa a *loucura?*...

Esse, em Engadine, apertava o crânio, com as mãos, de medo que lhe estoirasse!...

Vão lá meter o *gênio*, dentro dum buraco!...

Anto, todavia, não expirou louco, como Nietzsche; mas *foi-se* roído pela *física*, como Guyau, e na mesma idade...

Loucura, a *inspiração* do «Só»?!

Coitados!...

Figurai carneiros de *Panúrgio*, a olhar para as estrelas da *Via lactea!*...

O *mistério* de Anto, como o de *Hamlet*, oscila entre dois pólos: o do *ser*, e o do *não ser*.

Mas, para **Anto**, esses dois pólos fundem-se num só pólo, porque a *idea da morte* é a *vida mesma de Anto*!

Não nasceu **Anto** para *sofrer* e para *morrer*, nesta «*Costa d'Africa da Vida*», arrastado pelas «*azinhagas do Tédio*»?...

O que é entrar na *Vida*? E' descer a uma *cova*; é penetrar num *pôço*!...

*Nasci: e entrei com outros peccadores
N'um balde immenso, tragico, profundo!
Porque esta Vida é um poço
Que a gente desce até tocar no fundo!

Por isso, **Anto**, para *viver*, sentia a *necessidade de morrer*, anciando, quasi desde menino, por atingir o *máximo da vida*, isto é, o *fundo do pôço*!

Olhai para esta súplica de **Anto**, à hora ainda escassa da puberdade:

*Outomno. Cêdo.
Descanço... Enfim!
Mar! Arvoredo!
Orae por mim!
*A lua é nova.
E eu vou, enfim
Dormir na cova...
Orae por mim.*

E quereis vêr *vinde e um anos*, esmagados, como que se fossem *cem*, pelo «*Ódio e pelo Tédio*»? Ouvi:

*Ao Mundo vim, mas enganado
Sinto-me farto de viver:
Vi o que elle era, estou massado,
Não batas mais! vamos morrer...*

Morrer! Morrer! Que sofreguidão!... O *culto da cova*! A *liturgia da tréva*!...

*Ah, nem figres, nem aguias, nem condores,
Abrem as campas, lugubres cavernas:
O coveiro é o melhor dos constructores!
As suas covas são cozas eternas.*

Porquê esta *obsessão dos túmulos*; esta *paixão do antro*, onde a *podridão* reina, para refoço dos *guzanos*?...

Impulsão mórbida dum *arcaboço*, em ruínas prematuras; ou *filosofia* de quem vê nas *misérias da Morte* a *única realidade da Vida*?

Guyau experimentava a *vertigem do suicídio*, porque se lhe afigurava que a *Morte* desvendaria o *segredo da Imortalidade*:

*Mourir... c'est connaître.
Si je voulais, pourtant?... L'au-delà, le peut-être,
Tout l'immense inconnu que je pressens par fois,
Ne pourrais-je, en pressant ce fer du bout des doigts,
Le conquérir?...

Anto tambem sofre a tortura do *Ignoto*:

*... a tortura do *Além*, e quem lá mora!

Mas semelhante *tortura* não resulta da *necessidade de conhecer*; mas apenas da *ância de descansar*...

*Dormir... dormir...
*Ai quem me dera entrar n'esse convento
Que ha além da Morte e que se chama a Paz!

E' porque **Anto** aprendeu, cêdo, a lêr no *livro da Vida*, onde nunca encontrou senão *quiméras e illusões*!...

*E a Vida foi, e é assim, e não melhora.
Esforço inutil. Tudo é illusão.*

E os *males de Anto*, como serpentes, que, desde menino, se lhe enroscaram à *Alma*, foram o *Ódio* e o *Tédio*:

Molestias d'Alma para as quais não ha remédio.

Que admira, pois, que *Ele*, num *ritus* de trágica ironia, desprezando *vaidades*, desfazendo *sonhos*, apontando *prejuizos*, tivesse ido, em plena mocidade, encomendar ao *algibebe da Morte* o *fato de pau*, para vestir, no dia do seu enterro?!

Ah! Que profunda *filosofia* não envolve o amargo pessimismo desta trágica pergunta de **Anto** ao coveiro:

*Olá, bom velho! é aqui o *Hotel da Cova*,
Tens algum quarto ainda para alugar?*

O *pensamento sempre presente da Morte*, como *única esperança de Paz*; e uma *Paz* que, equivalendo ao *Nirvana*, é a *única certeza* de todas as *incertezas do destino humano*!...

Coimbra, nas «*Festas de Anto*», MDCCCCXV.

ALVES DOS SANTOS

ANTO

CAPRICHOS de lilaz, febres esguias,
Enlevos de Ópio—Iris-abandono...
Saudades de luar, timbre de Outono,
Cristal de essencias langues, fugidias...

O págem débil das ternuras de setim,
O friorento das carficias magoadas;
O principe das Ilhas transtornadas—
Senhor feudal das Tôrres de marfim...

Lisboa, 1915—Fevereiro 14.

∴ MARIO DE SÁ CARNEIRO ∴

Ballada triste da alma louca

Na consagração de «ANTO»

O' poeta triste, ó alma louca!
Lyra de sêda é teu thesoiro.
Solta os lyrios da tua bocca:
— Doira-me, vá! dá-me o teu oiro...

Vem-m'a tristêsa
Ao coração...
O' alma louca,
O' meu irmão!

Sol amarello e de saudade...
...Passam ao longe os gaviões!...
E o meu olhar, em magestade,
Voga na paz das illusões...

Vem-m'a tristêsa
Ao coração...
O' alma moça,
O' meu irmão!

Se leio o «Só» só vejo flôres...
— Ponho-me a vêr velhos jardins:
Jardins d'amor! jardins de dôr!
Jardins de sol e de jasmims!

Vem-m'a tristêsa
Ao coração...
O' alma velha,
O' meu irmão!

Tarde finda... tarde doirada...
Aromas mil chegam do rio...
A minha vida é já passada
— Rir dolente com que me rio.

Vem-m'a tristêsa
Ao coração...
O' alma gasta,
O' meu irmão!

Numa manhã: livida Hora!
A Lua foi rosa poente...
Na ruina... palida Aurora,
Sem que o visses, pôs-te doente.

Vem-m'a tristêsa
Ao coração...
O' alma triste,
O' meu irmão!

Coração com azas, meu Triste!
Foi no Outôno e com luar
Que nos fugiste e te partiste
Deixando-nos o teu cantar.

Vem-m'a tristêsa
Ao coração...
O' alma d'ancia,
O' meu irmão!

No livro branco — as *Despedidas*,
Teus labios bons, oh, que magia!
Depozeram, tristes, cahidas
Rosas bravas da côr do dia.

Vem-m'a tristêsa
Ao coração...
O' alma boa,
O' meu irmão!

Todo em Lenda, em fuga perdida
Sempre estarás na esguia Torre:
De lá olhas sorrindo á Vida,
Que alminha assim nunca mais morre!

Vem-m'a tristêsa
Ao coração...
O' alma-Lenda,
O' meu irmão!

A GALÉRA

Branca Lua, dá-me uma Hora
Cheia de luz e perdição!
— Mostra-me que és doidinha agora
Como estrella sem benedição.

Vem-m'a tristêsa
Ao coração...
O' alma cega,
O' meu irmão!

Erra o luar nos arvoredos
E de sonho veste-se todo...
Releio o «Só», nos seus bruxedos:
Brancurs só, nada de lôdo.

Vem-m'a tristêsa
Ao coração...
O' alma branca,
O' meu irmão!

Oh, que loucura a dos teus hymnos
Vejo-a louca, lá vae ao vento!...
— Nos teus cantos p'ra pequeninos!
E' a lyra do sentimento.

Vem-m'a tristêsa
Ao coração...
O' alma louca,
O' meu irmão!

Coimbra — Subripas.
xiv — 11 — MCMXV.

Versos do sangue e solidão,
Tão saudosos, são versos feitos
De vento e sombra e devoção,
Sob teus olhos grandes, perfeitos.

Vem-m'a tristêsa
Ao coração...
O' alma crente,
O' meu irmão!

Canticos são, oh, que fragancia!
Sinto a alma bem portuguesa.
Cantae-os vós, cantae infancia,
P'ra redobrar minha tristêsa.

Vem-ma tristêsa
Ao coração...
O' alma luza,
O' meu irmão!

Poeta triste e ó alma louca!
Todo musica enchi-me d'oiro:
Tive os lyrios da tua bocca,
Entregaste-me o teu thesoiro.

Vem-m'a tristêsa
Ao coração...
O' alma só,
O' meu irmão!

Vitor Beltracchi

ANTO

VIVEU aqui, em Coimbra,

«Cidade triste agasalhada entre choupaes»

em Sub-Ribas, na *Torre d'Anto*, como ele lhe chamava, e cuja graça
lhe ficou.

Anto de nome, três fadas moiras o fadaram *Principe*, ao nascer,
debaixo d'um signo molino, pela lua nova, lá por Trás-os-Montes, em
Terras de Borba...

Mas, nado o Poeta, e chegando o Outono, sua mãe lhe morreu,

*Oh mães de Poetas! sorrindo em seu quarto
Que sois virgens antes e depois do parto!*

e, pouco depois, seu pae... E Anto ficou *Só!*...

Anto era o *poeta nato*, o *Lua*, o *santo*, a *cobra!*... Tinha um *coração de menina*, e, logo ao nascer, *matarem-lhe os ideaes*.

E, Anto ficou *Só!*...

Passou o menino uma infancia livre e salutar, *ouvindo as prelecções que faz diariamente o Proff. Oceano*... e, já tinha dado todo o *coração humano*, *fallava-lhe um ano só para acabar seu curso de psicologia com o Mar*, quando, abandonando a *Escola Livre da Natureza*, veio *matricular-se aí, n'essa Universidade*...

Mas o menino era palido, era enfezadito, e, para mais, o menino era Poeta. Enchia-o de tedio esta

*Vida claustral, bacharelatica, funesta
Numa cidade assim, cheirando essa indecente,
Por toda a parte, desde a Alta á Baixa, a lente!*

Fugindo, por isso, aos doutores e ás leis, entregou-se encantado, em extasis religiosos, á paisagem de Coimbra, *essa paisagem lunar que é a mais doce da terra!* Amou

*as suas extraordinarias e medievias raparigas,
Caras de leite, olhos de luar, tranças de estrigas...*

E doente, e poeta, e orgulhoso que ele era, teve poucos amigos; conviveu além, em *palacio*, na *Torre d'Anto*, as suas horas tristes com os seus versos.

Enojado com as injustiças e as miserias d'êste *mãnicômio do Planeta*, contemplativo e nostálgico, não cantou os ideaes, as chimeras humanas.

Encontrando o mundo muito industrializado, muito utilitarizado, muito banal e interesseiro, ele, que não sabia reagir, não alimentou esperanças nem edificou planos dum mundo melhor, mais belo e mais harmonico com o seu temperamento delicado e diafano. Não quiz nem podia ser um lutador, um apóstolo. Viu que os seus semelhantes eram avessos á sua maneira de ser, ranceiros, mesquinhos, atolados em interesses... e desejou parecer-se com eles o menos possível.

Divino creador de Beleza, não quiz ser mais nada do que isso.

*Je veux que mon corps, vierge ainsi qu'un diamant,
A jamais comme lui, soit splendide et stérile—*

disse Albert Samin. Pois Anto também pensava assim.

Olhou-se, e reconheceu que era lindo e triste. Depois poisou a vista em derredor e viu a *Vida*, feita de horror e fealdade.

*Ó meu amor! é para ver tantos abrolhos,
Ó flor sem eles! que tu tens tão lindos olhos!
Ó meu amor! antes fosses ceguinha...*

Não se misturou por isso á *Vida*. Fugiu dela, fugiu para dentro de si proprio, e, *Só*, desolado e fraco, viu-se a braços com as suas torturas... Deu-as em verso. Mas o martirio não parava.

Havia uma dôr maior do que as dôres do mundo; era a sua dôr, a dôr da sua anciedade—

*Toda a dôr pode suportar-se, toda!...
Mas uma não: é a dôr do pensamento!*

E teve a revelação da desgraça irremediavel que era ser Poeta. Lá o diz na *Memória*:

*(E abria o menino seus olhos tão doces):
*Serás um Príncipe! mas antes... não fosses.**

Desejava não ter nascido:

*Nunca me houesses dado á luz, Senhora!
Fôra melhor não ter nascido...*

E, agora, com o pavor de contemplar-se, de encontrar-se com a sua alma, amargurado, parte, vae para França buscar na febre do prazer, um meio de desferrar-se de si mesmo.

*Vou sobre o Oceano (o luar de lindo enleva!)
Por este mar de Gloria, em plena paz.
Terras da Patria somem-se na treva,
Aguas de Portugal ficam alraz.*

*Paquete, meu Paquete, anda ligeiro.
Sobe depressa á gavea, Marinheiro,
E grita, França! pelo amor de Deus!*

"Dizem" que foi a Paris com o fim de tirar o curso de Sciencias Politicas, mas isto seria unicamente um pretexto; o verdadeiro motivo deve estar no que apontamos...

Em Paris engolfou-se numa lubricidade desenfreada e estonteante. Era a sua *Febre Vermelha*, que já anteriormente havia posto em quadras:

*Dae-me do vosso sangue, ó flores! eternae-o
Nas veias do meu corpo estregado e sem côr.
Que vida negra! Foi escripto, á luz do raio,
O triste fado que me deu Nosso Senhor.*

Sempre inquieto e sequioso, revive agora pela Saudade o *seu paiz de romarias e procissões*...

Maravilhada de evocação, a sua estesia compõe esse painel flutuante de luz e côr—*Lusitania no Bairro Latino*—

*Qu'ê dos pintores do meu paiz estranho
Onde estão eles que não vêm pintar?*

Não logrando esquecer-se das suas nevroses, arranca do peito a tragedia formidanda—*Males de Anto*—a sangrar angustia em crises de loucura!!...

Um Dante-menino, com livores de tocha, revelando ao seculo o Inferno da Alma.

Que, o mal que havia de fina-lo, andava já com ele...

*E ao ouvir-lhe a fosse seca e fino,
Eu julgo ouvir numa officina
Taboas do seu caixão pregar!*

E, lá, em Paris, tirou o curso de Sciencias Politicas... Aparecera o *Só*.

Agora voltamos a encontra-lo, de 1895 em diante, nas *Despedidas*, que viram a luz da publicidade em 1902, dois anos depois da sua

morte. Anda por terras estranhas, de viagem, chorando maguas e resando estancias... Vae sobre o Oceano, o bom companheiro da sua infancia.

Ó meu amigo Mar, meu companheiro

Recordas-te de mim, do Anjo trigueiro?

Invade-o o desalento. Inda tem às vezes um sorriso veladamente malicioso.

*Senhora! assim comigo em beato dais,
Faço-me frade e vou para um convento...
E adeus! que lá se vae o casamento!*

Mas a física vae-o minando devagar. Tem horas de suplicio em que vê na Morte a salvação.

Ai dos que ainda lemos que viver...

*Assim irei dormir com as creanças,
Quasi como elas, quasi sem pecc'os...
E acabarão enfim os meus cuidados.*

Na sua desesperança lembra-se de Portugal e de Coimbra: Encanta-se na Saudade:

Fogueirinhas de Tentugal, passes lentos!...

A Saudade cansa-o

*Tambar quizerá eu, só p'ra esquecer. Saudade,
Irmão, não a terei tambem, lá pela cova?...*

Na Madeira uma criança feliz lhe enleia os dias... Unge-a de Graça em sonetos de amor ingenuo e santo, onde a trata por Constança.

Sentia-se melhor, mas... o sofrer regressa e a física continua a mina-lo devagar...

Agora é mais melindroso o seu estado, e vae á Suissa buscar melhoras e illusões. Não foi de todo em vão

*Bemditos sejaes vós, ó Alpes cheios de neve!
Bemditos sejaes vós, que me salvaste a vida!*

Bemdita sejas tu entre as nações, bemdita!

As illusões esvaem-se. A física diafanisa-lhe mais a sensibilidade. Fala só pelos nervos. Sofre. Tem horror aos livros e olha enternecido a Natureza. Canta:

*Santos da minha devoção!
Padres choupos! ó castanheiros!
Basta de livros, basta de livreiros!
Sinto-me farto de civilização!*

*Sol de Junho queima as minhas estantes
Poupa-me a Biblia, Antero... e pouco mais!*

... De novo em Portugal. Traz em elaboração *O Descajádó*, o poema da Patria sebastianista passando na sua alma de menino doente:

*Ó D. Sebastião a ti comparo,
El-Rey de Portugal a minha sorte...*

Vae-se transfigurando. E' sombra...

São folhas a cair que é já Outono...

Não concluiu o poema. Sumiu-se vae para tres lustres (fa-los em 18 de Março) com 33 anos de idade...

Era Poeta e Principe; Menino e Triste...

Mimae-lhe a Alma, ó Virgens, na candura dos seus versos.

António Teixeira Monteiro

“SÓ”

A' memória de António Nobre.

Vejo-o passar no desmaiar do Dia...
Mantos azuis arrasta na alameda...
E a suas mãos crismadas de agonia
Desce um silêncio adormecendo seda...

Seus versos o ruído de seus passos
Sobre lagedos Alma adormecidos,
Um entreabrir de reposteiros lassos
Em galerias de palácios idos...

Dansa em redor o seu olhar doente.
Pastoreia os seus versos no Poente.
Sinto-o passar... E' um pastor cansado...

Veste Saúde ante um dormir de espelhos.
Pagem de luto entre noivados velhos,
Passa de noite em salas de brocado.

⊗ ALFREDO PEDRO GUIADO ⊗

(À memória do poeta António Nobre)

O POETA

¿SABEIS vós outros, os que não tendes a alma afinada para as ténues vaporizações do sentimento, que transcendência sublime palpita na palavra poeta? ¡A ternura, a candidez, o saber, as fortes idealizações do Bem, tudo que é nobre, grande, delicado e belo a alma do poeta representa!

Coração allívolo, integrado no sentimento universal, êle canta, chora e ri e sofre com a Humanidade. Interiorizado na sua própria dôr, ¡que prodigiosa afirmação da Natureza, que intérprete fiel da sua sensibilidade! Moduladôr do Ideal, no seu anseio de conciliação entre o real e o imaginário, êle aceita a verdade numa maravilhosa serenidade, com um desejo potente, indômilo de a adoçar, de a magnificar até à perfeição, como o cinzel busca firme o aperfeiçoamento do seu pensamento...

Cantando a pátria, tantas vezes inconsciente mal sabendo agradecer-lhe, na eterização do gênio, êle é sempre heroico, sempre sofrente. ¡A alma do poeta é branca como a espuma, ingénua como a infância, como o éter subtil, bela como a própria beleza!

Dizei ao poeta que toda a elaboração do seu sêr é vã pelo seu predominar fantasista, que toda a sua poesia restará nula com o avançar da Sciência e o poeta allívolo, heroico, responder-vos-ha, que enquanto subsistir o gênero humano, subsistirá no fundo de cada sêr, a par do tanto maldigno, êsse divino manancial, êsse poderoso purificador.

Eis porque o poeta se diferencia dos outros homens, eis porque o poeta é o intermediário do homem e do Deus-Natureza.

¡Colocou-o esta na terra para A amar e a mim para amar os poetas! Que os adoro nas suas substantificações como nas suas abstrações.

Só êles sabem sentir a vida duma flôr ou duma pátria; nasceram para o seu ouvido as exquisitas modulações de Eólo, os gemidos ciantes dos ribeirinhos, o insondável falar do Silêncio quando as luzi-

nhas aéreas iluminam a larga estrada do Infinito transmitindo aos seres e às coisas essa volátil, melancólica paz inatingível...

Nasceram para os seus olhos embevecidos as grandiosas manifestações da Forma e da Côr; os altaneiros montes albugineos como as intangíveis profundezas dos báratos.

A Ciência própria estreita-o em seus braços, pois que êle participa grandemente do seu ser.

¿Que espirito que não seja de cientista ou poeta, poderá embevercer-se ante o fantástico, maravilhoso fenómeno da antélia? Perscrutai bem e vereis que no intimo de cada cientista, se afunde um quantitativo de poeta.

¡Poetas, astros que iluminais com scintilações ideais a órbita da Vida, eu vos bendigo! Que santifiqueis a humanidade, que eleveis a pátria, que aerizeis a mulher, sois sempre o ente superior, talvez por esta razão, o ente mais indiloso que o sol olha na terra... pois raro sucede que não seja «O seu louro o sacrificio, A consagração, a morte».

12—II—1915.

∴ MARIA EMILIA ∴



A GALÉRA

A HORA DE ANTO

OLHAI Coimbra, nave do espanto,
vitral de uma hora!
A tarde é braza, e o vulto de Anto
trespassa agora!...

— «Adeus, ó rio!...» A grande capa!
Que negridão!...
Agora as nuvens cobrem a Lapa,
n'uma oração.

É Anto! É Anto! Vêde a figura!...
Vêde o olhar!
Vulto sorrindo da propria altura,
do proprio voar!

Coimbra canta-o. Como se encanta
do ar que o impele!
Tem o Mondego, a Rainha-Santa,
e tem-no a Ele!

Ó grandes olhos! Ó olhos fundos!...
Bate á Trindade...
Vão lá no céu, doces, dois mundos
de saudade!...

Coimbra, sofre... De instante a instante
que evocações!...

Anto: a vergôntea do estudante
que foi Camões.

E vejo o rio, para a Portela,
côr de violeta,
da alma de oiro e a doida estrela
do seu Poeta.

Vejo o Espirito, a um tempo lindo
e ardente e em magua,
com a figura da terra abrindo
n'um veio d'agua.

E scismo!... Coimbra, nave [do espanto,
vitral de uma hora.
A noite avança... E a alma de Anto
viaja agora!...

⊙ ALFREDO GUIMARÃES ⊙

O Mysterio da "Torre"

HA tempos, discutindo com um velho e talentoso amigo meu acerca do Impressionismo, do Naturalismo e do Romantismo, disse eu que Zola, o grande auctor do *Germinal*, da *Nana* e da *Lourdes*, para não citar outras obras suas, não foi um Artista, não obstante haver sido o mais lyrico dos Naturalistas. Riram alvarmente e a lua continuou o seu giro, continuando um cão a ladrar junto do lago.

Zola não fez Arte, mas sim Sociologia, Theoria, conformando-se com a concepção positivista, jámais sendo um creador esthetico, mas assimilando os objectos, que elle, pelo contrario, deforma, engrandecendo-os ou diminuindo-os, modificando assim o plano segundo a importancia do effeito que elle quer lirar.

Zola dá-nos a vida, mas não nos dá a sua synthetisação relativamente a uma finalidade d'Esthesia.

E' que Zola, dando-nos a vida, a sociedade, o nosso meio, como elle é, estuda as fómas varias, os *dechets*, o envolucro das ideias, o que não é fazer Arte, não nos ensinando a sentir, não sentindo elle mesmo.

Em Zola ha comparações, tomando a materia intacta, e o Artista usa as allusões, transformando o sentimento em um mediador plastico, estabelecendo assim a harmonia entre o sujeito e o objecto, que é a propria expressão da Esthetica. Isto só o sabe fazer o Poeta e é por isso que elle constitue um marco milliarario na marcha da Humanidade.

Ao contrario do que ahi fica, tomando tambem as coisas triviaes da vida, o que nos apparece dia a dia, sem que, ao contrario de tantos outros, fizesse dos seus versos uma lingua cifrada, hieroglyphica, *calçada d'esmeraldas* ou *irisada de carbunculos*, ou usasse a pastiche, Anto falla-nos do sangue das flores e do raio que lhe allumiou o destino, sendo da torre ideal a voz que lhe segredava que um poeta morre e que esse poeta é elle.



Até n'isto está uma superioridade de Anto, porque a ornamentação da sua phrase é sobria e dá valor ás palavras de que se serve. E' mais do que uma superioridade, porque é um segredo.

Tambem n'isto elle se nos mostrou um mestre, fazendo-nos lembrar Manet a Flaubert, porque tambem elle pouco usou os adjectivos. Antonio Nobre era todo elle sensibilidade e é a Sensibilidade que cria o estylo, como pela cabeça se distingue o Jonio do Dorico, o Grego do estylo Renascença. *L'art ne fait que des vers; le cœur sent est Poète.*

Servindo-se d'essa linguagem, Anto não quiz fazer litteratura, mas fez sentir, o que é, dissemol-o já, o papel e a missão do Poeta. Fazendo como Flaubert e Mallarmé, distanciou-se extraordinariamente de Gautier.

Antonio Nobre faz-nos vir aos labios Baudelaire ou Edgar Poe, recordar os *Bienfaits de la Lune* ou o *Silence*, e, por um milagre extraordinario, até os profanos da Arte entram na região do Sonho, levados por estes Mesres da Sensibilidade.

A Alma de Anto transparece em cada um dos seus versos, o que bem prova que a obra e a pessoa não passam d'uma e a mesma coisa; melhor ainda, o Bem é sempre o mesmo, na Obra e na pessoa. A conclusão a tirar é que a Arte não se pôde dissociar da Ethica. Não ha Esthetica, mas sim Esthethica.

Quando Anto escrevia os seus versos, era com o seu sangue, pondo em cada phrase um pedaço do seu todo. Escrevendo, Anto *reflecte-se*, tal como Narciso e como a Proserpina das formosas e sentimentallissimas lendas gregas.

Tal como Jesus que, tomando o Pão e o Vinho (restos da alliança do Iacho e Proserpina sob a influencia dos Orphicos), nos dava as sensilividades do mundo exterior, assim tambem Anto, tomando as coisas mais simples, nos deu a sua Carne e o seu Sangue, autocontemplando-se os dois, levando-nos, por uma especie de suggestão que podemos chamar mimetismo, ao Bello e ao Bem, á admiração da Natureza.

Como o Narciso da lenda, Anto aprecia a embriaguez de Existir e *contempla-se* na sua consciencia, *reflectindo-se* nos seus versos.

Inclinado sobre a Vida, vê as suas fluctuações e as suas vertigens. Querendo viver, amando o seu eu, Anto conhece que elle é uma Ideia incarnada, que o seu corpo tem um Fim superior e, conhecendo a onda eternamente moribunda, reconhece em si proprio o sonho do mundo, Ama e sonha; entristece-se e definha-se cada vez mais.

Ama a Vida e conhece que no seu envolucro fizeram ninho as larvas e era ver como os lyrios se abriam nos seus olhos á medida que as rosas se murchavam no seu rosto.

Resta-lhe a illusão da Vida e canta, canta sempre, influenciado por

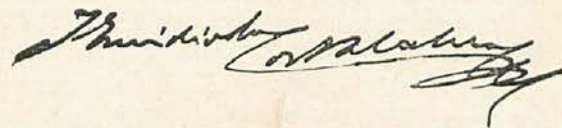
esse principe do coração que se chama o instincto vital e que elle aperta com exaltação.

Mendacia, começam a apparecer as flores para cobrir o leito de Anto e as aves começam a trinar docemente.

Eumolpides vêem marchando e eu ouço já as lyras que se desferem, mas ao mesmo tempo na Torre d'Anto, onde elle vivêra em Coimbra, percebem-se avisos terriveis, ha um silencio que se não comprehende, os objectos tomam outras fôrmas na sombra, halitos frios quando se abre o Só, mil coisas que se não comprehendem.

E' o sopro da Morte! E' o Mystério!

Anto morreu!



Antonio Nobre em Paris

SAUDOSO *souvenir* do poeta sublime d'emoção que nós principiamos a admirar no Porto, ha uns bons trinta annos e que, depois em Paris, foi o nosso companheiro nas *brasseries* do Bairro Latino e nas conferencias da Sorbonne e do collegio de França.

Fomos nós quem o apresentamos uma tarde ao genial Paul Verlaine e ao suggestivo Jean Moreas, na *terrasse* tumultuosamente litteraria de *Source*, n'estas regiões de *Boulmiche* que Murger immortalisou nas paginas da sua *Vida de Bohemia*.

Com o nosso querido Antonio Nobre, realisamos um passeio a *Bruges la morte* que hoje conspurca o germano invasor e bandido.

Com o poeta do «Só» organisamos no *Café Riche* de Paris a festal lyrica de João de Deus e ainda nos recorda bem a emoção provocada n'essa reunião *d'élite* pelas estrophes enternecidas d'esse Cantor do Mystério e da Dor.

Por isso, nos associamos espiritualmente á Commemoração da Mocidade de Coimbra á memoria eternamente adorada d'Antonio Nobre!

Paris — 1915.

∴ XAVIER DE CARVALHO ∴

Sonho de Antonio Nobre

PASSAM virgens de branco á luz do sol poente,
Olhos frios de estátua, olhando o espaço vago...
—Gôndolas a ondular tranqüila e levemente,
Ha azues a boiar na limpidez de um lago.

Ao longe, diluídas,
Sombras vagas de choupos desfolhados...
Almas errantes de suicidas,
Almas penadas de condemnados!

Perfumes de jasmins e de açucenas.
Vozes de orgão profundas, religiosas...

E passam, á tardinha, p'ras novenas,
Todas as virgens, brancas e morenas,
Tuberculosas!

Repicam sinos no ar lavado...
Finos sinos, ligeiros, argentinos,
Tocando a baptisado,
Encanto de meninas e meninos...

E límpida, a sorrir, no Ceo distante,
Com sua face pálida de morta,
Ergue-se a lua cheia, angelisante,
Ergue-se a lua absorta!

E fica a terra inteira a palpitar
Nêsse momento único e divino,
Sob os beijos macios do luar
Que traz comsigo as sugestoens e um hymno.

Magrinho, e de tão magro, transparente,
Mais fluido que uma sombra, e triste que um espanto,
Em ondas de luar, nos passa de repente,
A imagem de Anto...

Tolda-se logo o Ceo...
Nuvens negras, espessas e pesadas
Enchem de lado a lado todo o Ceo,
Apagando as estrelas desmaiadas...

E em silencio se abafa toda a vida.
E em silencio se extingue toda a morte...
Ao longe, a sombra de Anto, diluída,
Lá vai levada nos tufoens da Sorte...

Silencio.

E pelas agoas lugubres de um rio,
Boiando, abandonado á força da corrente,
Branco da lua, d'olhos vítreos, frio,
Passa o corpo de Ophelia piamente...

9-2-1915

⋮ ALFREDO PIMENTA ⋮

Antonio Nobre no estrangeiro

NÃO é só em Portugal que a individualidade altíssima d'este illustre poeta portuense, tem sido devidamente apreciada e estimada. Também fóra da nossa Patria, alguns escritores lusofilos se tem referido com o maior louvôr á obra primorosa de Antonio Nobre, infelizmente pouco avultada.

Assim o conhecido escritor catalão Ribera i Rovira (1) diz-nos a seu respeito :

« Antonio Nobre, autor de l'admirable poema *Só*, en el qual s'evidencia l'ànima d'un artista eximi d'exceptional grandesa. »

Em Italia ocupou-se d'ele, o lusofilo, igualmente bem conhecido, Antonio Padula (2), do qual transcrevemos o seguinte juizo que, apesar d'algumas observações pouco justas que contém, mostra, em todo o caso, o grande conceito que fóra do nosso poeta :

« Anche Antonio Nobre, un ingegno singolare, non appartiene alla scuola simbolica dell'autore di *Oaristos*, da cui anzi differisce essendo piú poeta che artista. E' strano però che in alcuni brani del *Só* (libro di elegie dell'esule) si riscontrino vive reminiscenze dei *Simples* di Guerra Junqueiro, da quanto lo stesso autore lascia scorgere nella sua *Nota finale*, e la ballata *O João* abbia terzine tolte di peso alla *Casa do coração* di Anthero de Quental.

Senza dubbio è questo un plagio inconsciente, perché il Nobre ha qualità straordinarie e fra tutti gli scrittori della giovane scuola portoghese, se non il primo per ordine cronologico, possiede una facoltà speciale di esprimere il dolore nella maniera piú pessimista.

Egli poi non é un letterato superficiale, assimila invece le cose, infondendo vita ai suoi scritti.

Lo stesso Eugenio de Castro non ha potuto nella *Balkiss* raggiungere quella espressione poetica di alcune pagine di Antonio Nobre, piene di un pittoresco seducente.»

Göran Björkman (3) traduziu, em sueco, dois sonetos contidos no *Só* e aos quaes deu os seguintes titulos: *Fafangan e Stoicism*.

Certamente outros escritores estrangeiros se referiram ao nosso poeta, mas na nossa livraria apenas possuímos estes tres, cuja citação, porém, julgamos suficiente para demonstrar que Antonio Nobre também é conhecido e considerado para além das nossas fronteiras.

Seria interessante e util a organização da bibliografia, o mais completa possível, referente a Antonio Nobre. Para ela concorremos com estes modestos subsidios, associando-nos assim a esta justa e simpatica homenagem á memoria do autor do *Só* e das *Despedidas*.

Lisboa, 7 de fevereiro de 1915.

⊗ HENRIQUE DE CAMPOS FERREIRA LIMA ⊗

CAPITÃO D'ARTILHARIA

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

(1) — RIBERA I ROVIRA — *Portugal literari* — *Resum d'unes conferencies donades sobre aquest tema a l'Aiencu Barcelonès*. — Barcelona — Biblioteca popular de l'Avenç — 1912.

No verso do rosto : — Tipografia l'Avenç : Rambla de Catalunya, 24. — 1 vol. in-8.º de 251 — 1 inn. pag. com retratos. — A pag. 87.

(2) — *I nuovi poeti portoghesi* — studio — di — ANTONIO PADULA — (Edizione fuori di commercio) — Napoli — Stab. Tip. Pierro e Veraldi — Nell'istituto Casanova — 1896. 1 vol. in-4.º gr. de 8 inn. — 62 — 1 in. (de erratas) — 1 br. pag. — A pag. 58 e 59.

(3) — *Ur — Portugals — Samtida diktning — Andra Samlingen — poetiska öfersättningar — af* — GÖRAN BJÖRKMAN — *Upsala — Lundequistka Bokhandeln*. — s. d. — 1 vol. in-8.º de 83 — 5 inn. pag. — A pag. 64.

Ur — Portugals — Samtida diktning — poetiska öfersättningar — af — GÖRAN BJÖRKMAN — *Upsala — Lundequistka Bokhandeln* — s. d. (1894). — 1 vol. in-4.º gr. de 96 — 1 br. pag. — A pag. 67.

(4) — O sr. Rovira, já citado na 1.ª nota, traduziu poesias de Antonio Nobre, em catalão, no seu livro : — *Atlantiques — Antologie de poetas portuguesos* — Biblioteca popular de l'Avenç de Barcelona — 1915.

ANTONIO NOBRE

(em 1895)

Sobre a Ponte romana vai passando
sósinho moço, palido e formoso,
ao murmurio do Vento segredando
falas d'um Pensamento doloroso.

A capa negra aos hombros drapejando
reveste d'um encanto misterioso
o Príncipe, o Martir inditoso
de côr perdida... a face amarelando...

Parou ali. O rio vai correndo
para o Mar plangitivo, atribulado,
um diluvio de maguas parecendo...

O' paisagem do Mar do seu condado;
lanchas dos Póveirinhos que estou vendo:
quem, como Ele, a sofrer vos ha cantado!

⊗ CASTRO ALVES ⊗

Porto — 1915

(Do livro inédito: *À beira do Mar.*)

Antônio Nobre

QUANDO Antônio Nobre conversava, com voz afeioada, vinda de um outro mundo, a bôca levemente torcida, a bailar nela um subtil sorriso de ironia e orgulho, marcava muito as palavras, lento, sublinhando-as, como a penetrar-nos do poético sentido que os termos continham, do qual ele se enamorára construindo sua arte. Se eram vocábulos antigos, a inflexão toava-se de ausência e de remoto, e com o poeta seguíamos para tempos recuados e para terras distantes de âquém e de além mar...; se eram expressões de hoje e populares, allorava-lhe aos lábios a candura das coisas mansas, e já os termos que, até ali, nos pareciam mudos, se pronunciavam, e os vulgares modos de dizer, por quem passamos sem reparar, se iluminavam de um significado ainda não colhido. E de tal arte era este revelar vozes raras em vozes comuns, que parecia que Antônio Nobre nos falava numa língua diferente... Na verdade, a linguagem era outra:—era a da íntima emoção, tecida no íntimo de cada coisa, e que só a alma dos poetas desfia, para nos sobresaltar com belezas comovidas, como o falar e o olhar absorto dos pastores nos enche de infinito, ao explicar-nos, no absoluto silêncio da noite, ante o Céu estrelado, a marcha, os amôres, a vida das constelações... Na



ANTÔNIO NOBRE

arte era este revelar vozes raras em vozes comuns, que parecia que Antônio Nobre nos falava numa língua diferente... Na verdade, a linguagem era outra:—era a da íntima emoção, tecida no íntimo de cada coisa, e que só a alma dos poetas desfia, para nos sobresaltar com belezas comovidas, como o falar e o olhar absorto dos pastores nos enche de infinito, ao explicar-nos, no absoluto silêncio da noite, ante o Céu estrelado, a marcha, os amôres, a vida das constelações... Na

palavra fácil, lia êle a palavra profunda; como na vida singela interpretava a vida eterna; e, mais que ninguêm, era a natureza quem o ensinava a cogitar, como era o povo quem lhe dizia as maiores verdades, sob a mais clara das fórmulas. As falas dos velhos creados humildes e leais; as dos pescadores, com a cara e a alma curtidas pelas tempestades do mar alto; as dos serranos de olhos profundos; as dos caseiros, percorrendo âcêrca de colheitas e gados, formulavam-lhe toda a sciência da vida, nos dizeres afilados dos seus corações adivinhos, e nos das suas almas experimentadas. Igualmente lhes comunicavam conceitos e beleza o Oceano, a Lua cheia, por sôbre as serras, o carreiro de agua azul, esperta e trabalhadeira, a regar hortas e prados, outeiros esmaltados de luz amarela e poente, liras de Sol em chãos de carvalhidos, ermidas brancas olhando o mar... Afinal, a natureza era espectáculo grande e simples. Os sábios é que, com suas pesquisas imprudentes, suas exigências excessivas a desserviavam, como quem, debruçado sôbre uma poça de agua tranqüila e límpida, não se contentando com a imagem pura que ela espelha, agita as águas e revolve o fundo, buscando a alma das linhas e das côres, que ninguêm, felizmente, atinge.

E como essas palavras, que andam nas bôcas de todos, tudo dizem! Não são palavras, são expressões. ¿Que melhor escrita que a das maneiras chãs, que todos entendem, com a poesia que os artistas nelas vêem e sentem?! ¿Para quê rebuscas de dizeres cultos, se os termos naturais se exprimem melhor que os sábios?! ¿Para quê literaturas sobrepostas noutras literaturas, quando o melhor letrado é aquele que menos letras tiver?! Se o sentimento é forte e belo, (pensava António Nobre), não há senão alirá-lo para o papel, que êle lá cria beleza sua e fórmula própria. Porisso, nas suas falas, silabando as palavras — seres vivos — o poeta do «Só» exauria ante nós, toda a emoção que elas continham, e seus versos, fáceis como conversas fáceis, foram postos numa lingua lhana e franca, simples como a erva e a água, entendida por pescadores e moleiros, moças dos campos e mendigos das estradas. ¿Ao que se háde rezar? Ao que é bom. ¿O que se háde cantar? O que é bonito e nosso. E é tão linda a terra portugêsa, com seus rios, montes e aldeias brancas, tão belos os seus heróis, ardidados na guerra e senhores do mar, tão amorosas as suas cantigas, tão ternas as suas violas, tão meigas as suas tradições campesinas e marítimas, com lendas de santos e de poetas!

Porêem o mórbido temperamento dêste sonhador e a sua ingênita melancolia, como se êle tivesse nascido com cem anos contados, ou saudoso do tempo que noutra avatar vivêra, ensombram todas as lin-

tas da natureza, todas as alegrias da vida, picando-as com o comentário de um sorriso amargoso de protesto contra a época em que existiu, e em que não desejaria ter existido. E' então que na alma de António Nobre, que tinha por íntimo amigo o outono, caíram dois grandes males que a sua emoção transformou em beleza: a nostalgia da terra pátria, por seu fado o fazer ir parar ao «*Dayz de França*», e a marcha lenta de uma espectral doença em que os pulmões uivam, a face empalidece no pavor da cova, o corpo se dobra magro e vencido, as orelhas se despegam como sêcas folhas outonais, se estreitam as mãos transparentes, e os olhos, de luto, se enchem de um langor demorado e romântico, que anuvia tudo — tudo até o azul do Céu e o oiro do Sol!

O afastamento da terra onde brincou e a desesperança em encontrar na vida a esquiva ventura, à cata da qual corrêra, males que ambos se resumem na dôr da ausência da felicidade premeditada, crearam nêle a saudade funda e suspirosa, que esvazia o peito e o olhar, e o pessimismo negro — dois cadáveres que para sempre lhe atravancarão seu coração de poeta solitário e malavindo.

O «Só», escrito em Paris, num antigo convento do *Quartier*, é filho da ausência e do tédio, foi creado pela saúde e mamou o leite da dôr. Portugal, visto do Bairro Latino, era para o poeta um quadrozinho de fresca tinta, sua amiga, além, muito além, com abades prazenteiros, pescadores tagarelas, moleiros enfarinhados, lavadeiras e ceifeiras, cantando e bailando — gente de pouca monta e sem qualidade, mas estimada e bondosa. Paris, em que êle poisava seus pés estrangeiros, e por onde o seu orgulho passeava seu desdêm, era um espesso negrume de egoismos e de estranhezas, que lhe enchiam de frio a alma desejosa, a suspirar pelas areias de oiro das praias, onde meditára, pelas tardinhas meigas, pelos poentes suaves, pelas ermidas caiadas, que se vêem do oceano largo, e a que se apegam os corações de fé dos que moirejam a vida por sôbre as águas do mar. Quantas saudades! E a «lendaria Coimbra», moira e caiada, com seu romântico rio, seus choupos friorentos, seus luars coalhando em leite o silêncio das noites, seus poentes a poetar, suas fontes a carpir, suas raparigas airosas e dedicadas, seus descantes de amor; a torre da freguesia onde o poeta nasceu; romarias minhotas; procissões; repiques de sino a noivado; eiras ao luar; histórias à lareira; violas gemendo o fado; sol branco; toiradas vermelhas; e barcos de pesca, a saírem pela barra fóra, com as ilhargas pintalgadas de côres vivas, com signos misteriosos e cândidos nomes de santo! Quantas saudades! E a infância e o lar — tão distantes! Ah, recordar a alegria é mais triste que recordar a tristeza... Então, seus versos afligem-se e choram. E' a saudade portugêsa que êle canta — êsse sentimento que enche a alma de macerada luz roxa e a perfuma do deleite de recordar. Êsse pungimento que se agradece como o sal das lágrimas, que nos

abafam e consolam. E' a nostalgia de todos nós, lusos mareantes, quando, alirando-nos para o mar, com os olhos febris de aventuras, lá ao longe, ao olharmos, doridos, para a terra que perdemos de vista, nos apecece desistir de tudo—da riqueza e do amor—e voltar para trás a viver vida simples em plena bondade.

Em Paris, na Ilha da Madeira, no mar da América do Norte, em Alemanha, nas tempestades da Biscáia e da Mancha, nas montanhas e nos lagos da Suíça—vivía longe, sempre longe, quem sonhára viver na sua terra e

«morar, mui simples, nalguma casa
toda caiada, defronte o mar...»;

vivía só, sempre só, quem sonhára agazalhar-se com

«... mulherzinha
loira e alegre.»

A solidão fôra para êle, fedioso, aquêle mesmo fraternal espectro, vestido de negro, que na vida, por toda a parte, acompanhou a alma de Musset, que passára pelo mundo amando, penando, cantando...

•
•

No espirito de António Nobre redemoinharam mil pequenos contratempos que a sua sensibilidade subtil exagerava e avolumava em altas ondas de mar bravo, na demora da volúpia doentia de escardiar na própria dôr, o que é ainda um devancio. Mágoas, fêdios, ânsias, pesadelos, desilusões, orgulhos, ódios, despeitos, amarguras, tristezas mudas, adversidades pungentes e angústias, que estrangulam, o tomaram todo e o acabrunharam numa abulia absoluta. E o poeta, esmorecido e vencido, cantou então as suas dôres, que no fundo, são o regresso ao melancólico mal romântico de se não encontrar na vida o idealismo entresonhado, ou, melhor, a doença de exigir que a humanidade seja, não como ela é, mas como cada um, contemplativamente, fantasiou que fosse. Analisou-se, robuscou-se, esquadrinhou-se, e tudo nos disse, numa confissão geral esterforosa, nos solavancos da paixão e na lingua comum do infortúnio que não escolhe palavras, mas também na lingua rara da poesia que luarisa e ritima todas as misérias postas em canto e arte. O "Só", que é um poema da desgraça, con-

sola os desgraçados; e muito será lido por quem "na tristeza busque remédios de tristezas", pois sempre a "tristeza foi alívio de tristes".

António Nobre viveu numa época transilória de protesto contra os excessos do naturalismo, num período de reacção idealista, individual e independente, em pleno "decadismo" e "simbolismo", engenhosamente sugestivos, cheios de inéditas belezas formais com novos metros, novas rimas e exigentes aliteraões plasticando o som e a luz, pondo, ao lado de muito exotismo sincero, muito bizarrismo artificioso, e tudo envolvido em subtil scepticismo gaulês e em pessimismo germânico, compacto e sombrio. Nas letras de há vinte e três anos, numa ânsia de ideal novo, cada um trouxe para a rua a estésia das suas sensações raras, ou o documento da sua dôr pessoal, seguindo aquele dizer de Goethe: "faze da tua dôr um poema", tomado tão excessivamente à letra, que ninguém cogitou em que só são literariamente belas as dôres das belas almas que a arte divinisa. O excepcional, no sentimento ou na expressão, não conta em arte durável. Nas letras, preciosismos formais, ainda os mais belos, quando só beleza exterior, passam como passam as modas. Complexidades e subtilezas, fôra da integridade dos sentimentos universais, são anormalidade e deformação que não resistem ao tempo. O pessoalismo só vale, quando contiver humanismo; e toda a fôrma, por mais estranha que seja, é legítima, com a condição expressa de que a impulse um original temperamento, forte e sadio, a visionar o universo por maneira assinalada e grande, mas concepção que tenha raízes fundas nos sentimentos eternos, temas de eterna beleza, sobre que se edifica a arte, sempre idealista, pois ela, que "começa onde a vida acaba", vive para além da vida, num mundo próprio que para si creou, onde é outra a luz, outros os sons, as tintas, as linhas... As fôrmas são tantas quantos os temperamentos; mas uma única regra de arte pura as liga: a máxima expressão na mínima composição, como quem diz, o perfeito estilizar, nítido e preciso, no completo expressar, comunicativo e vigoroso.

António Nobre, com a sua fôrma espontânea (solidária com o coração), é um poeta intensamente pessoal e, ao mesmo tempo, extensamente humano. Pela ampla interpretação dos grandes sentimentos, une a sua voz individual ao clamor colectivo. Supondo confessar somente os segredos do seu coração, patenteia os de todos. Ele é o mago que adivinha a dôr dos outros na sua dôr; o poeta que põe em emoção o sofrer de tantos; a creatura fadada para as letras, que fixa, em fôrmas belas, o pensar e o sentir de muitos que sabem sentir, mas não expressar, e ainda menos cantar, o que pensam e sentem. As suas dôres são o reflexo da Dôr; e na sua alma cabem todos os que sofreram desilusões.

Quando o poeta recorda os dias leves de menino—as suas "quimeras de moço"—todos, com êle, e em idêntico estado de saudade,

recordam os seus; e quando canta seus "males" magoam-se de o ouvir os namorados, empana-se a cantiga das raparigas que lavam nas poças, comovem-se os velhos de ver alguém padecer ainda na flôr dos anos, mes consolam-se—porque o entendem—os poetas, os tristes e os doentes que, física e moralmente, penam semelhantes desgraças.

E' esta humanidade, no poeta da saúde e da dôr, cuja tristeza e pessimismo não eram literários, mas o seu próprio sangue, que torna grande António Nobre e o fará, como outros poetas românticos, sempre querido da alma sentimental portugêsa—do "Lusiada coitado!".

A mocidade literária da Coimbra de hoje, celebrando-o, realiza a profecia, lançada, há vinte e dois anos, pelo primoroso prosador Alberto de Oliveira, no seu belo livro *Palavras loucas*, onde afirmou que as gerações futuras haviam de compreender e admirar, em toda a extensão, cada uma das belezas do "Só". Ai estão as actuais homenagens a António Nobre a confirmar as previsões do arguto crítico, feitas quando o nome do poeta era menos admirado pelos que, afeitos a outra arte, lhe não aceitavam a sinceridade nem lhe entendiam a originalidade, apoucado pelos émulos, e mordido pela inveja dos impotentes. Isso passou; e mais uma vez, o tempo—único crítico imparcial—pôs tudo no seu lugar.

⊗ ANTERO DE FIGUEIREDO ⊗

ANTONIO NOBRE

Quando ella passa á minha porta
Magra, livida, quasi morta
E vae até á beira-mar...

Do «SÓ».

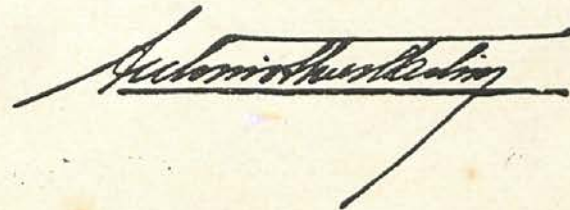
DERAM-ME a lêr o "SÓ" na minha Infancia;
Tudo o que eu li minha memoria invade!
Ao crescente luar d'uma Saudade
Eis-me a rezar o drama d'uma Estancia!

Passa um perfil d'Outomno e de Distancia
Em meu olhar sagrado de Anciedade!
Eis que Anto regressa á Humanidade:
—Releio o "SÓ"—a sua Dôr-fragancia!

Livro d'Amor, d'Ausencia e de Desgraça;
A trindade lusiada da Raça
Abriu-se ante os seus olhos de outomnal!

Em ti, Coimbra, o seu perfil sombrio!
Dá-lhe a benção dos Choupos e do Rio
Que a sua Lyra,—é a de Portugal!...

Coimbra, 1915.



“SÓ”

DE joelhos, abro este missal de dôr.
Em cada verso, que murmuro, escuto
uma inscrição de isolamento e luto,
uma plangente evocação d'amôr...

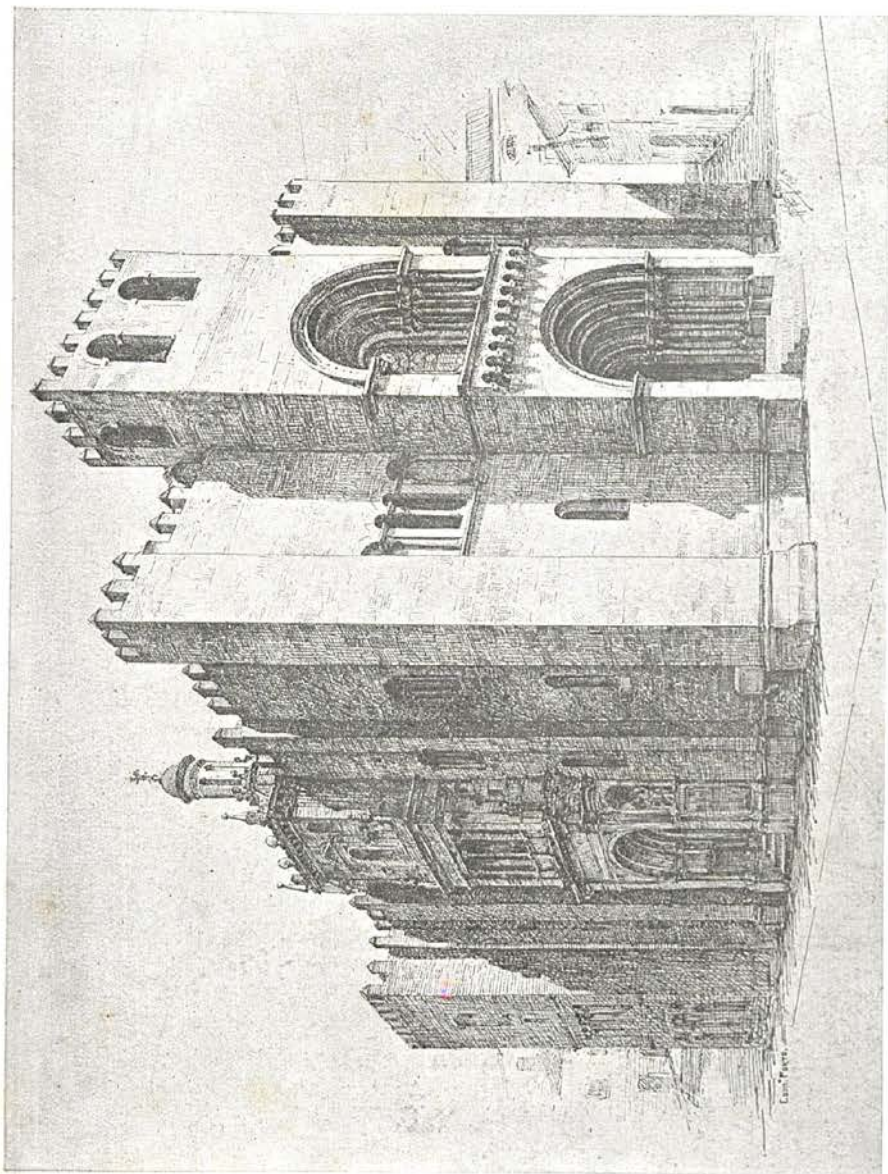
«SÓ»! — crismou o Poeta este missal.
Porque tão pálido, amoroso e triste,
iluminado a pranto, não existe
assim como este, um outro, em Portugal!

Oh ANTO! as virgens loiras que ao sol-poente
passam cantando, envoltas de oiro e pó,
levam nos lábios o teu ritmo doente,

e vão dizendo, em verso, tristemente,
que em nossa terra as páginas do «SÓ»
vivem no coração de toda a gente...

Lisboa, 11 de Fevereiro de 1915.

✻ MARTINHO NOBRE DE MELLO ✻



COIMBRA — SÉ VELHA

NOVENA NAS URSULINAS

TODAS as que ele amou, grandes olhos espirituaes de virgens que adolecem, perfis góticos de madonas que soluçam, mãos de alabastro que se erguem extáticas para o azul religioso, franças de oiro que o vento esmancha na deveza merencoria, se erguem do tumulo, toucadas de rosas, afestoadas de lirios. A tarde é roxa ao efflorescer afonito das olaias nos jardins silentes, os choupos em fileira monges orando pelos longes de meditação, o rio, a estrada argentea por onde do mar-alto vae regressar o Poeta, envolto na sua clamide de lua cheia.

Nas Ursulinas os sinos tanger chamando á novena. Beatriz, Maria, Leonor, Clarisse, a teoria sonambula das amorosas que na fimbria da mortalha arrastam as magnolias com que se acingiram para o noivado do sepulcro, soerguem-se na tarde de encantamento e, como outr'ora, eil-as perpassam para o recolhimento onde o crepitar das tochas é enxame de abelhas trêdas, os canticos fremitos de amor, as rosas brancas o perfume dos labios a primeira vez beijados. E o Poeta não tarda, olhos scismaticos de mareante, envolto na sua clamide de lua cheia, a par que a tarde é mais côr de olaia nos desmaios saudosos da arvoreda . . .

E, eil-as, ahi vão perpassando como antigamente, pobres andorinhas da morte no encaço duma efemera primavera de amor. Noivas do Poeta, Beatriz, Maria, Izabel, Leonor, elas se erguem do tumulo, toucadas de rosas, assentoadas de lirios a irem encontral-o na novena mistica, bôca vermelha, rosto de arcanjo. Uma a uma, cada qual tem a sua legenda tecida de esperança e saudade, uma a uma, cada qual o amou consoante a côr dos seus olhos lindos, negros como a noite, azues como os miosotis, verdes como a agoa das reprezas, cinerarios como os nevociros. A alma dramatica da evocação é o magico coqueiro que revolvendo o passado desenterra pedaços de sonho, illusões fanadas, quimeras por desabrochar, e as lança em turbilhão cego após as virgens mortas que acodem a saudar o regresso do Poeta. Divino, Anto, ha tanto tempo no Hotel da Cova, vão cobrir-te de açucenas as virgens que o teu novo poema esperam! E nas Ursulinas os sinos badalam para a novena e a tarde é cada vez mais triste no desmaio melancolico das olaias em flôr . . .

1915.

⊗ SEVERO PORTELA ⊗

SAUDADE DE ANTO

É uma palavra toda portugueza
vibrante de expressão a de — saudade,
triste — mas é gostosa essa tristeza
que é feita de carinho e suavidade.

Poeta algum em toda a redondeza
da terra nossa mãe, nunca, em verdade,
cantando-a a cantou com a justeza
de Anto, o alto poeta da saudade.

Ha-a no «Só», gemente e moribunda,
a transvazar a magua de morrer
que se apossa de nós, magua profunda.

Ali vive por toda a eternidade
— enquanto olhos houver que saibam lêr —
a saudade, sem par, da mocidade.

∴ ANTONIO VALENTE DE ALMEIDA ∴

PARA A MEMORIA DE ANTONIO NOBRE

QUANDO a hora do *ultimatum* abriu em Portugal, para não mais se fecharem, as portas do templo de Jano, o deus bifronte revelou-se na litteratura nas duas manciaras correspondentes á dupla direcção do seu olhar. Junqueiro — o de *Patria e Finis Patrie* — foi a face que olha para o Futuro, e se exalta. Antonio Nobre foi a face que olha para o Passado, e se entristece.

De Antonio Nobre partem todas as palavras com sentido lusitano que de então para cá tem sido pronunciadas. Tem subido a um sentido mais alto e divino do que elle balbuciou. Mas elle foi o primeiro a pôr em europeu este sentimento portuguez das almas e das cousas, que tem pena, de que umas não sejam corpos, para lhe poder fazer festas, e de que as outras não sejam gente, para poder fallar com ellas. O ingenuo pantheismo da Raça, que tem carinhós de espontanea phrase para com as arvores e as pedras, desabrochou n'elle melancolicamente. Elle veio no outomno e pelo crepusculo. Pobre de quem o comprehende e ama!

O sublime n'elle é humilde, o orgulho ingenuo, e ha um sabôr a infancia triste no mais adulto horror dos seus tedios e das suas desesperanças. Não o encontramos senão entre o desfolhar das rosas e nos jardins desertos. Os seus braços esqueceram a alegria do gesto, e o seu sorriso é o rumor de uma festa longinqua, em que nada de nós toma parte, salvo a imaginação.

Dos seus versos não se tira, felizmente, ensinamento nenhum. Roça rente a muros nocturnos a desgraça das suas emoções. Esconde-se de alheios olhos o proprio esplendor do seu desespero. A's vezes, entre o principio e o fim de um seu verso, intercala-se um cansaço, um encolher de hombros, uma angustia ao mundo. O exercito dos seus sentimentos perdeu as bandeiras n'uma batalha que nunca ousou travar.

As suas ternuras amuadas por si-proprio; as suas pequenas corridas, de creança mal-ousada, até aos portões da quinta, para retroceder, esperando que ninguém houvesse visto; as suas meditações no limiar;... e as aguas correntes no nosso ouvido; a longa convalescencia febril ainda por todos os sentidos; e as tardes, os tanques da quinta, os caminhos onde o vento já não ergue a poeira, o regresso de romarias, as ferias que se desmancham, taboa a taboa, e o guardar nas gavetas secretas das cartas que nunca se mandaram... A que sonhos de que Musa exilada pertenceu aquella vida de Poeta?...

Quando elle nasceu, nascemos todos nós. A tristeza que cada um de nós traz consigo, mesmo no sentido da sua alegria, é elle ainda, e a vida d'elle, nunca perfeitamente real nem com certeza vivida, é, afinal, a summula da vida que vivemos — orphãos de pae e de mãe, perdidos de Deus no meio da floresta, e chorando, chorando inutilmente, sem outra consolação do que essa, infantil, de sabermos que é inutilmente que choramos.

∴ FERNANDO PESSOA ∴

FALA-SÓS

A' memoria de Antonio Nobre

MEU Portugal cheio de fala-sós
que andam na lua, que os atraí e espera!
E eu ao vê-los evoco os bons Avós,
os fala-sós da Arte e da Químera.

Ondas do Mar Oceano, adormentando
os sonhos com os beijos e os cantares,
que é que vos disse, absorto, meditando,
o Infante em Sagres,— fala-só dos mares?

Ó exilado fala-só enorme,
Camões, cuja voz enche o amplo horizonte,
"junto de um seco, duro, esteril monte,
onde nem ave voa, ou fera dorme".

Suave fala-só, Crisfal, que um dia
as saudades sofrendo tam choradas,
entre todas as lagrimas salgadas
olhas-te doce o pranto de Maria...

As trombetas de prata clangorando,
riscam de luz a treva da cidade.
O' Pedro, fala-só que vais bailando!
Até ao fim do mundo! Que saudade!

Meu Portugal de almas na lua, inquietas,
que balbucia tanta incerta voz?
Meu Portugal, coitados dos teus poetas
que são cá sempre os grandes fala-sós!

: AFFONSO LOPES VIEIRA :

DELIRIO DO MEU DESEJO

NOITE de tentação, calvario da minha carne, a que jámais encontrarei o fim.

Fui-lhe apresentado na vespera da sua partida. Ao apertar-lhe a mão envolveu-me a alma uma bruma densa, que fez tanger meus nervos n'uma emoção inédita.

Estava o baile no seu maior esplendor. Respirava-se uma atmosfera de delirio, hiper-nevrotica, que nos aquecia o cerebro, tornando as conversas macias como uma reverencia e lapidando nos olhares um brilho estranho de volupia.

Reverberações de luz, sons esparsos, saltitantes, confundiam-se pelas salas dando a tudo um ar dansante e ritmico, como que a fazer viver pessoas e coisas a mesma vida comum de posturas requebradas, n'um deboche armonico de cor e de som.

Sentei-me a seu lado e tentei conversar.

Deante d'aquela mulher que me fascinava, não sei o que fôra feito da minha *verve*, da minha imaginação fantasiosa, quedei-me vasio de pensamentos, faltavam-me palavras p'ra me exprimir. Toda a minha atenção estava concentrada nos meus olhos, que não abandonavam a sua imagem e nos meus ouvidos sedentos da sua voz, que parecia o marulhar de cristalina agua.

Fazia-lhe perguntas soltas, pedia-lhe impressões, só para lhe ouvir a voz, p'ra lhe prender a atenção sobre mim.

Tinha pedido para lhe ser apresentado, nem já sei porquê, talvez procurando na sua sideral beleza o encanto de sensações novas. Mas, ao conversar com ela, esqueci-me de mim proprio, suspenso na sua contemplação, na caricia da sua voz.

A sua presença enchia-me de frescura, não sentia o calor das luzes, o ruido do baile, o nevrotismo da dança, tinha a ilusão de que estava n'um jardim silencioso, olhando uma branca estatua, de cuja boca a agua brotava limpida, marulhando melodias vagas.

Quanto mais a olhava e a ouvia, mais a minha alma por ela era absorvida, ofuscando-me os sentidos com a sua visão d'alvura, agua cantante.

Tinha surgido dias antes, de passagem, e partia no dia imediato, extraordinaria de brancura, sem se saber quem era, para onde partia,

que difosa terra lhe servira de berço, enigmatica como o meu desejo, esquiua e cantante como agua corrente.

Era alta, delgada, d'uma flexibilidade de vime, e o seu corpo fragil e coleante desenvolvia-se-lhe em curvas sensuaes, concavos voluptuosos, onde se ageitariam bem meus braços. Seu rosto d'uma beleza rara tinha o ar allivo e superior que só se encontra em certos bronzes antigos.

Boca rasgada n'um sorriso sem fim, e os dentes pequeninos, esmaltados n'uma translucidez dealbe, aparecendo por entre os labios finos, amorangados, que faziam lembrar duas idas de perolas mirificas roubadas aos tesouros submarinos, que surgissem ao lume d'agua, sobre tufo de branca espuma, rodeados de coral intenso, onde o seu nariz, relevo de linhas puras, fosse sorver o olôr estranho de salinas magnificas, essencias caras, que lhe faziam arfar as narinas carnudas em delicias sensuaes, delirio de perfumes fortes.

Estagnou-se-me a vista a olhar seus olhos, cristaes d'agua, glauca, corredia, opalas esverdinhadas de tontura, que eu ouço murmurar canções de espuma, na sua voz, frauta magica de barqueiros.

Quizera mergulhar minh'alma no verde do seu olhar, enchuga-la ao calor dos seus labios purpurinos, e depois, n'um beijo delirante, trincaes d'amor, deixa-los gotejantes, lagrimas vivas de sangue na ferida sangrenta dos seus labios quentes.

Na cabeça, a ungi-lá de nevoa, extasiavam-se-lhe os cabelos d'um loiro de deliquio, a formar uma montanha fabulosa que parecia o prolongamento recuando da sua fronte immaculada, penteado de pompa, reliquia medieva, a lembrar-nos golás á Medicis e mesuras de espavento semi-ajoelhadas com donaire.

Os seus cabelos loiros de agonia, eram desmaios de sol em fios de neve, fieiras d'ouro rociadas de cacimba, que me davam tentações de lhes sorver esse orvalho branco com meus labios frementes de desejo, para os fazer voltar a si d'esses desfalecimentos de côr, torna-los vivos como a tentação voluptuosa da minha carne.

O queixo bem modelado formava uma curva tão harmoniosa com a garganta esbelta, que me davam ganas de experimentar se a minha asseitaria bem ao través da sua, de sentir a pressão que o seu queixo exerceria no meu pescoço.

Garganta de cisne, branca como um lirio e tão nervosa que formava na confluencia do peito uma covinha mui funda, sensual, que arfava brando como a pedir beijos em fogo, que enchessem de rubor o côlo a delirar brancuras, vertigem alva, marmore magnifico, a desviar contornos nos hombros etereaes de garça, descuidos com abandono em braços enlaçantes, mãos esguias de fada, conchas voluptuosas com que quizera vender meus olhos.

Que extraordinaria mulher, saturnal de brancura, envolta em tules,

toda de branco, marmore pulido em carne sefinosa, espectro animado d'uma estelua morta. Assim é ela, tal o meu desejo a quere, olhos d'agua, cabelos d'espuma que o sol aloira, fresloucada de bruma, neve petrificada, como que fugida d'uma tela desmaiada de nordico pintor de páldas concepções.

A nossa conversa morreu. Serviam-se gelados.

Pausa na dança. Meus olhos fixos, perfurantes, pupilas em fogo a coruscar volupia, rasgavam com delirio seu colo alvinente.

Tentação profunda — quizera estrangulá-la — desejo insaciavel de lhe palpar a carne, experimentar-lhe a consistencia, saber se ela era dura como o marmore ou mole como uma aragem.

Meus olhos não deixavam o enigma d'aquela carne — ia tocar-lhe: Meus dedos trementes esboçaram caricias vagas, imaginando contactos electricisantes.

De subito, ela levantou-se. Recomeçara o baile. Na sala, pares rompiam em dança. Envolvi-lhe a cintura, senti-a resvalar em meus braços. Valsamos.

Tinha a cabeça pesada, zumbiam-me aos ouvidos, meus olhos estonteados cegavam-nos a brancura d'aquela colo. Voltar ligeiro, requebros de langôr e levei-a de sala em sala.

Devia-lhe queimar a pele meu olhar abrasado, como o foco vulcanizador de lentes coruscantes que refractassem um feixe de raios ardentes, furor de tentação, incendio do meu desejo.

Cessei de ouvir a musica, em volta já nada via. Delirio dos meus sentidos, escaldava-me nas veias o sangue febricitante. Caimbras nas pernas, paralisou-se-me o cerebro, todo eu tremia.

Lubrico desejo, que tortura a minha! Entrava-me pelas narinas o aroma estonteante d'aquela carne branca, livida de côr.

Enigma cruel, quizera decifrá-lo. Aquele colo alvo, páldo e immaculado como uma hostia, seria de marmore duro ou mole como uma aragem, seria quente como os meus labios ou teria a frialdade do luar?!... Alfinetava-me a carne uma tentação louca, no ar palpavam manchas sangrentes.

Ia sabê-lo. Não podia resistir mais tempo áquela tentação de febre. Tinha os braços ocupados, estorvavam-me os cabelos.

Meus labios em fogo pousaram de repente n'aquela colo d'alvura prodigiosa, sem abrandar a dança.

Estremeceu meu corpo, cambaleei de bebado. Repeli-a com furor dos meus braços tensos. Estavamos sós naquela sala.

Horror de neve, tinha beijado um marmore rijo e frio, ia-me gelando a alma.

Em frente de mim, ela quedou-se imóvel. Falava, não sei o que dizia. Senti na sua boca a agua cachoar em escarcêos tumultuosos, os seus olhos perderam a doçura, agua irada.

Eu nada ouvia, minh'alma encolhia-se no meu corpo em extremecões.

N'isto voltei a mim, meus olhos buscaram a sua carne. Compreendi que aquela repulsão fôra do imprevisito do contacto desejado.

Delirio de tentação, como eu desejava o marmore rijo e frio d'aquela carne!... Ia tê-la outra vez d'encontro aos meus labios.

Crueldade sem nome, calvario do meu desejo. Ela, livida d'alvura, espectro animado d'uma estatua morta, abalára com passo firme, cheia de ritmo, lá me levou o olhar na brancura da sua carne, deixando-me sem vêr na noite da minh'alma.

Oh! como os seus pés pisam o meu desejo! Como a tentação tortura a minha carne!

Agora, que já não posso refrescar meus labios na frialdade branca do seu colo, que já não posso banhar minh'alma no verde do seu olhar e ouvir marulhos d'agua cantando na sua voz, cá vou arrastando sem descanso a cruz do meu desejo, calvario da minha carne, n'esta noite infundavel de tentação.

Nunca mais a voltei a vêr, se não assim tal qual a evoca o meu desejo martirisado.

Em vão a busco por toda a parte onde se possa ocultar sua brancura, mas ela, cruel, gelido fantasma, a mim não volta mais.

Vae-se passando o tempo, o desejo consome minha carne, um desespero raivoso apodera-se de mim. Estou quase louco, cegou-me a alvura da sua carne marmorea, nevoeiros d'agua quizera poder bebê-los.

Delirio do meu desejo, esvaem-se-me as reminiscencias. Julgo a sua imagem uma ficção tresloucada filha do meu desejo. Nem já tenho a certeza de a ter visto algures, de pousar meus labios no seu colo branco. Quem sabe?!... Talvez que ela só vivesse ainda no meu desejo, pois que a procuro, procuro, e não a encontro nunca.

Desespéro da sua posse, quem dera possuir a bruma.

Curvo-me sobre o marmore frio, colunas hirtas, estatuas imoveis, lousas de tumulos, e beijo-o com furor; vou mergulhar minh'alma nas aguas das ribeiras; ouço-as cantar murmurios de doçura; percorro com meus labios febris neve aureada, deliquios de sol, espuma d'ondinas; abraço com o olhar as linhas armonicas das nuvens, curvas de poentes, fru-fru d'alvuras, mes, ainda assim, não consigo formar a estatua enigmatica que a minha carne anhela, não apago o incendio dos meus labios, não adormeço o meu desejo, volupia de loucura.

Coimbra.

∴ RUY GOMES ∴

NA TORRE D'ANTO

PAIRA sobre a Torre d'Anto
A sombra, o espirito alado
Do Poeta que exilado
N'Ela amou e sofreu tanto.

Ainda ecôa o seu canto,
Triste, como o triste fado
Do seu viver torturado,
Da Torre em cada recanto.

Surge ás seteiras vetustas,
Corre as muralhas adustas
O seu espectro envolto em dó...

Na Torre, pena e vagueia
A alma, que geme e anseia,
De Antonio — o Poeta do Só.

Coimbra 11 — XI — 1911.

∴ ALFREDO DA CUNHA ∴

VIDA ETERNA

A uma alma.

PALPITAS na minha alma entristecida,
Desoladora morta, que eu amei!...
E como vibra em tudo — nem eu sei —
Sempre de ti lembrança dolorida!...

Perfume do passado, que terei,
Fatal, em cada flôr por mim colhida!
Em cada pensamento a tua vida
Numa Saudade nova eu viverei.

Modula a tua voz qualquer aragem,
Cada nuvem desenha a tua imagem,
Amor que nenhum outro amor profana!

Vou sempre respirando a mesma ideia
Neste saudoso ar que me rodeia:
Só assim se eternisa a vida humana?!

Janeiro, 1915.

⋮ CRUZ MAGALHÃES ⋮

ANTONIO NOBRE

(Das «Palavras loucas»)

NÃO é sem uma singular emoção e uma perfeita confiança na justiça do tempo, que vejo cada dia mais aureolado de admirações, e relido por mais leitores sinceros, esse extraordinário auctor do «Só», o poeta evocador e cheio de segredo, mistura de Lord Byron e Bernardim Ribeiro, encantador e bruxo pela magia dos seus versos, pela amargura quente dos seus olhos, pela desolação sem risos da sua mocidade, por casos de existencia que, previstos n'outros, a chamma verde do seu temperamento e do seu genio assumem fórmulas de extra-humanos.

Em toda a parte onde viveu teceu a teia da Lenda a sua roda: e até velhinho a irá tecendo e accrescentando. Orgulho feroz e de idade-média, fé absoluta em si como é proprio dos grandes, ainda era uma criança com os mesmos olhos (immensos quando scismavam) que já amas velhas, caseiros da quinta, adivinhos da aldeia e abbades de cinco leguas ao redor lhe previam a sua sina: serás o principe dos poetas do teu tempo! Cresceu, fez madrigaes, e, lindo moço, de Byron debaixo do braço, ia para o mar alto gritar versos ás ondas. As ondas dobravam-se para a sua lancha passar, os pescadores pasmavam da sua cabelleira em anneis e do seu grande livro, e vinham saber a Leça a lenda ingenua que deixou: já o tratavam por tu os poveiros, e lhe perguntavam, de troça, pelo livro, que nunca sahia, que nunca sahia! Cá ficou, ninguem o esquece: chamam-lhe o Creatura-Nova, e um dia, os netos d'estes cantarão decerto, na toada do Bemdito, as suas balladas. Depois ás tardes, poentes prateados e meigos da beiramar, Antonio Nobre, sobre os rochedos, lindo, com maneiras sacerdotaes e uma voz de outro mundo, pontificava em verso ás raparigas.



ANTONIO NOBRE

E foi e é sua fê e seu destino, abrir o appetite no coração das mulheres antes que o d'elle perdesse o fastio profundo, anormal, absurdo, que o caracteriza. Do seu contagio sahiam ellas, aos primeiros dias mystificadas, por fim absorvidas e prezas: de tal modo os seus processos de namorar ternos, excessivos, doidos, se tornavam dentro em pouco despoticos, absolutos, dobrando a mulher sob o seu olhar e o seu dominio.

Cresceu ainda, começou a envelhecer ha cinco annos (tinha dezoze) e logo nos primeiros dias de Coimbra se travou lucta da sua capa de seda, dos seus collarinhos voltados, do seu Waldeck encadenado em biblia—com a teima amarella e viscosa de um doutor estúpido e mau. Duas vezes foi reprovado no primeiro anno de Direito: foi a propria Universidade que o presentiu differente dos outros e o quiz honrar com o seu odio. A desgraça tornou-o sympathico e querido dos estudantes: não se divorcia mais o Penedo da Saudade do seu perfil, e a torre de Sub-Ripas onde morou, lá está baptisada com o seu nome, é a Torre-de-Anto.

Um dia algum desejou a Antonio Nobre, as riquezas de Salomão, para lh'as vêr applicar.

O seu ar era realmente, ao partir do Tejo para a França, no anonymato de um transatlantico, com um bota-fôra intimo e em lagrimas, o ar de um principe que uma revolta apeiou do throno e embarca para o exilio: tanto as pequenas contrariedades as engrandece a sua intensa e barbara imaginação, a ponto de lhe modificarem a physionomia, de lhe pôrem rugas na testa e lhe abrirem mais fundo as covas dos olhos, e de não ser novo se, porque não lhe respondam prompto a uma carta ou lhe não entendam rapido um capricho, perder o appetite, perder o somno, e se emaciarse até parecer um fisico e segredarem na rua os transeuntes: «Coitadinho do Poeta, que não alcança ao anno novo!»

Principe exilado e nostalgico, sim, de vontades omnipotentes e indomadas susceptibilidades. O fundo da sua tristeza é a decepção que tudo lhe causa: quando chegou a Paris teve um ataque de melancolia quasi tragica por se lembrar que era tão pouco, que a sua alma ficava tão muda, e que no entanto *era aquillo ainda o mais perfeito que tinha produzido a Humanidade!* Dir-se-ia que na sua existencia não faz mais do que repetir outra que já viveu, cuidando que vae por estrada nova: de ahí logico o seu tedio que a nós, de mais baixo nivel, impaciente e irrita. O seu orgulho é tamanho que toca o outro extremo, a timidez selvagem: e deante de um homem de genio talvez ficasse violeta, mas só pela preocupação de se não dobrar. Ardente e portuguez, é de aventura e romance o sangue que lhe corre nas veias: a vós outros, se fivesseis milhões, appeteceriam os confortos apoplexicos e egoistas da civilisação, e serieis (como sois) ponderados e anonymos

— ao passo que elle daria brado no mundo, como Byron. Poderia ser tudo em tudo: assim será apenas o mais elevado Poeta da sua geração. E sel-o-ha pela simples força do seu talento junta á invulneravel força da sua fê.

Quando não publicára ainda livro e era um desconhecido, o desdem com que acolhia a obra dos outros, a certeza de *fazer melhor*, era tão calma, como hoje que é o auctor do «Só», e que colheu grinaldas de quem tinha prestigio para lh'as impôr.

Pois o bizarro principe Anto que, elle-proprio, por uma natural volupia, tem bordado de lendas a sua carreira, lá vae fazendo um amavel Direito (como Fradique) pelas cervejarias do Bairro Latino, sem que por isso a fina Faculdade franceza vise manchar de favas pretas quem veste com tanto ar a robe negra e o branco escapulario da regra. E o poeta já pôde escrever por baixo dos seus bilhetes: *Bacharel em Direito pela Universidade de Paris*, o que opulentamente o paga dos seis RR com que Coimbra o despediu do quadro dos seus eleitos.

Dava um nervoso e pittoresco capitulo, que será para algum dia, o estudo da sua vida em Paris, e do grau a que a intensidade do grande meio influuiu nelle. Disse-me certo dia uma senhora, que algum vira Anto subir o Bois, no fundo de uma carruagem, monoculo sobre a Multidão. Só este engano, e á pressa, aqui desfaço. Certamente era Maurice Barrés, que dá uns ares do poeta, minha senhora. Antonio Nobre vive em Paris como um frade: a sua leitura é o Ecclesiastes, Shakspeare e as biographias dos grandes poetas (significativa bibliotheca, está ultima). As estudantas de Boul'-Mich' chamam-no o *pefit evêque*: com uma bengala de eremita e um longo habito de burel a que elle poz o baptismo de *monge*, raro passeia a sua tristeza, sob a neve, nos poentes purulentos, esverdeados, criminosos do Sera. O «Só» foi escripto numa sombria casa que já foi convento, ao pé do Pantheon. Tudo ali, de noite, com os sinos de Saint-Etienne du Mont a dobrar, evoca o seculo XVII; mas o poeta um dia mudou de casa, queixando-se de que o Voltaire, seu vizinho do Pantheon, toda a noite resonava e o não deixava dormir.

Antonio Nobre não ama afogar-se na Multidão, estranha-a; precisa de vêr-se constantemente só—é o seu estado natural. Uma vez que descia os Campos-Elyseos, trasbordantes de Mundo, notou: «Parece incrível que, com tanto pezo em cima, o Planeta não amolgue d'este lado!»

E quem pensou vê-lo no Bois, resignado a entalar-se na engrenagem parisiense, mais facilmente o toparia nos bairros solitarios da margem esquerda, batendo ás portas dos conventos e pedindo para entrar. Curvado, derreado, como tendo ás suas costas o pezo de toda a Dôr humana, assim segue os *boulevards*: e quando o Ecclesiastes lhe mostra, além do pouco que o Mundo vale, o pouco que vale elle-pro-

prio no Infinito immenso, Antonio Nobre toma o omnibus Batignolles-Clichy-Odéon e vê-o ahí vai ao Louvre, colhêr na contemplação da incomparavel Venus de Milo a serenidade divina, o orgulho divino, o desdem divino que receia se escoem dentro de si.

Livros de versos são medicinas da alma, frascos mysteriosos, onde, concentradas em sobrias essencias de sonetos, particulas venenosas de imagens, saes perturbadores de rimas e de rythmos, encontramos respostas á nossa dôr bem mais profundas que nas tagarellas glosas dos prosadores ou nas desmaiadas paginas dos descriptivos. Poemas lyricos devem lêr-se como os escrevia João de Deus: ás escuras, e puxando uma fumaça da *cigarralle* para cada verso que nasça. Um verso é um mundo: quatorze linhas rimadas de Anthero podem impôr ou poupar um suicidio, emquanto mil milhões de folhas de prosa compacta, onde a descripção é colorida, mas o espirito é baixo, correm diante dos olhos soffredores sem provocar um spasma ou um opposto estado de alma. Versos são como orações: decoram-se, casam-se com me-lopeias da nossa affeição, e sempre que punhaladas da Vida vos ferirem, o Padre-Nosso enconral-o-heis de mãos dadas, nos vossos labios, a farrapos de versos onde irão farrapos de alma.

Nas horas difficeis das lagrimas é que se apura, se a dôr de um poeta é artificial e soa falso. Quem já disfructou e soffreu essas horas sabe como então, por sua inferioridade, fazem dô as mystificações e enredos da arte litteraria. Dia em que algum nobre e alto desgosto vos afogar de soluços, abri a *Imitação de Christo* em qualquer parte, que lá enconfrareis sempre—sempre!—a mesma voz resignada, humilde, doce, a ciciar-vos a fé, a vos pôr quasi feliz pela certeza de que é a dôr ainda o unico acidente que salva a vida da irremediavel banalidade moral com que foi feita. Foi numa noite de desespero e insomnia que os versos de João de Deus, como chuva do céu, me encheram a primeira vez de frescura e de paz ireal. Na escuridão como os seus conceitos tomavam relevo: e como na agonia de querer alguém a chorar commigo, eu ia até á alma do poeta indagar as raizes de emoção de onde cada verso brotava e via luz!

Assim, tambem, numa hora igual de intensidade, se poderá comprehender e sentir o "Só". Quem não conseguir integrar-se nelle terá de odial-o: e por isso succede que esse disculido volume de versos tem tão firme coação no espirito dos que o viram de boa-fé, como nenhuma nos que o acolheram boçalmente como o producto de uma arte exotica que só por suas apparencias singulares procurasse fazer-se vista, e cujo miolo fosse zéro.

O "Só" é a autobiographia de um poeta espontaneo e nativo, para quem a Poesia é, na sua propria phrase, o *coração desfeito em lirás*. A emoção que sentimos resulta de vermos passar em frente de nós, febril, desesperada, eloquente, uma tão grande e revoltosa Emoção. A sua fórma irregular e macabra é insubstituivel, porque o poeta assim leve de a inventar para nella moldar o seu temperamento.

Como o livro de Anthero é o mar bramindo na dôr do pensamento, o "Só" é o coração gemendo na dôr do sentimento. A razão de um, a sensibilidade do outro, ambas agudas, gritando e doendo ao choque da Vida, partindo do mesmo ponto e indo por differentes caminhos, no mesmo epilogo de paz vieram de novo reunir-se. Anthero mergulhou na contemplação do Universo e tudo o que viu o desesperou; Antonio Nobre faz da sua imaginação o centro do Mundo, e a Vida é má porque elle a soffre. O pessimismo dos Sonetos será universalmente comprehendido; o "Só" amal-o-hão os que tiverem a sensibilidade irmã, e a paixão d'estes leitores por um tal livro será incondicional como é a minha desde que numa manhã de Coimbra a primeira vez endoideci ao lê-lo e a partir de então o adorei como uma das minhas devoções.

Leiam o que' diz Taine de uma das personagens de Shakspeare: é um baixo-relevo que mostra Antonio Nobre em toda a luz: "Jacques est triste, parce qu'il est terne; il sent trop vivement le contact des choses, et ce qui laisse indifférents les autres le fait pleurer. Il ne gronde pas, il s'afflige; il ne raisonne pas, il s'ément; il n'a pas l'esprit combattant d'un moraliste réformateur, c'est une âme malade et fatiguée de vivre. L'imagination passionnée mène vite au dégoût. Pareille à l'opium elle exalte et elle brise. Elle emmène l'homme dans la plus haute philosophie, puis le laisse retomber dans des caprices d'enfant. Il aime sa tristesse, et ne voudrait pas la changer contre la joie, etc., etc."

Emquanto a amargura de Anthero é quasi um systema, a de Antonio Nobre é um immenso ataque de hysteria, uma formidavel noite de trovoada em que as faiscas, de segundo a segundo, esclarecem assombrosamente os montes e os valles. Um critico notou que o seu livro nunca faria escola, ficaria sempre tão só como o seu titulo. Ao contrario, se como neste caso, elle appareceu quando algumas centenas de moços portuguezes justamente esperavam por um Poeta assim, e se é das gerações novas que está partindo mais veemente a apothose do "Só", num confuso rumor de almas agradecidas por se verem lá expressas, e impotentes imitadores que alcançam a fórma, sem mergulharem na essencia, de taes versos.

O "Só" é uma autobiographia; fala por si, e só com interjeições de amor me posso referir a elle. Fica aos doutores da critica scientifica o encargo de buscar em cada confissão o diagnostico de uma doença.

Essa doença é a de uma geração, é a de uma mocidade; e justo é que todas as crises do pensamento e da imaginação, tão verdadeiras e legítimas umas como as outras, encontrem a sua eternidade numa voz que as interprete e se faça ouvir. O Poeta todo se confessa, com ingenuidade e permanente candura; a sua maneira de amar e de ser amigo, a sua moral absoluta e sem restrições sociaes, a sua concepção da belleza, da paizagem, da ventura, a ferocidade do seu orgulho, o peninsularismo da sua paixão, o seu delirio de perseguido, o seu tragico *béguin* pela Morte, ahí estão salientes, nos assumptos sombrios que escolheu, nas emoções dolorosas que o obsidiam, nas imagens singulares por que se exprime, e na andadura de ladainha que naturalmente ganham os seus versos. E' um livro escripto a 40 graus de febre, dá lonturas lél-o.

O fremito que já provocou o "Só" em alguns espiritos levará annos a generalisar-se. Por ora é uma juventude que o acclama, as novas camadas coimbrãs que o adoptam e o seguem, o moderno Brazil que se perturba a tomal-o como um veneno, emfim são as mulheres que vão a caminho de namoral-o. De aqui a vinte annos, cada belleza do "Só" estará detalhada e posta em evidencia pelos criticos. A admiravel exquísitice da sua fórma, fará o assumpto de muitas paginas subtlis. A poesia *Antonio* e o poemeto *Males de Anto* serão nesse tempo vistos sem discordia, como os dois mais notaveis monologos da poesia autobiographica que honra as letras lusitanas do seculo XIX.

E não queirâmos mal á Gloria por ella se fazer esperar; perdoemos aos escriptores consagrados a sua incomprehensão e ausencia de faro, em face dos genios recém-nascidos. Os talentos excessivos são antipathicos: a sua sêde de novo isola-os; hão de ir compondo devagar a sua atmospherã, afim de lograrem uma velhice tranquilla e triumphante. E no meio da minha geração que possui sem duvida escriptores subtlis e intelligentes, idealistas doces, psychologos penetrantes, trovadores parnasianos e finos, não me espantarei eu de que seja o poeta do "Só", aquelle para quem na poesia portugueza só encontro avós em Bernardim Ribeiro e Soares de Passos, o ultimo a arredar do seu trilho as inintelligencias, os falsos desdens e os verdes rancores.

Matosinhos, 1895.

: ALBERTO D'OLIVEIRA :



A Renascença Portuguesa

Nas suas ultimas reuniões, o conselho de administração aprovou os seguintes balancetes:

Novembro — Receita — 427\$439, despeza — 353\$799.

Dezembro — Receita — 319\$040, despeza — 283\$556.

Foram admitidos os seguintes socios: Ezequiel de Campos (Povoa do Varzim), José Gomes Pinto (Gaia), Antonio Pereira Bramão (Porto), Antonio Francisco d'Almeida Junior (Esmoriz), Vidal Oudinot (Porto), dr. Januario Ferreira dos Santos Leite (Porto), dr. Eduardo Ferreira dos Santos Silva (Porto), Antonio Gonçalves de Castro (Gaia), Herculano Pimentel (S. Tomé), José da Costa Guimarães (S. Tomé), dr. Armando Marques Guedes (Porto), Domingos Reis Costa (Porto), Antero Pacheco da Silva Carvalho (Matosinhos), e Raul Angelo (Porto).

Tomou-se conhecimento dos ultimos livros publicados: *Bohemios*, do Visconde de Vila Moura, *Trigonometria Plana*, de Augusto Martins, *O Navio dos Brinquedos*, de Antonio Sergio, *Tristão o Enamorado*, coordenado e prefaciado por Teofilo Braga, *Educação Civica*, por Antonio Sergio, *A Grei*, por Ezequiel de Campos, *As Aventuras de Telemaco*, 1.º vol., *Sempre*, 3.ª edição, por Teixeira de Pascoaes, *Camadas Infimas*, por Oldemiro Cesar.

A OBRA DA

"Renascença Portuguesa,"

(CONTINUAÇÃO)

Em 15 de Novembro de 1914, abertura Solene das aulas da Universidade Popular do Porto, no Salão nobre da Camara, presidindo o dr. Gomes Teixeira, secretariado por Alfredo Coelho de Magalhães e Teixeira de Pascoaes, falando além dos dois primeiros o dr. Jaime Cortesão.

Em 30 de Dezembro, termo da impressão do *Tristão o Enamorado*, coordenado e prefaciado por Teofilo Braga.

Em 2 de Janeiro de 1915, distribuição do *Navio dos Brinquedos*, de Antonio Sergio.

Em 6 de Janeiro, termo da impressão do 1.º vol. das *Aventuras de Telemaco*.

Em 15 de Janeiro, N.º 37 da *Agua*.

Em 20 de Janeiro, 3.º concerto para os socios por Luiz Costa.

Em 23 de Janeiro, termo da impressão dos livros: *Educação Civica*, de Antonio Sergio, e *Grei*, de Ezequiel de Campos.

Em 25 de Janeiro, termo da impressão do *Sempre* (3.ª edição), de Teixeira de Pascoaes.

Em 30 de Janeiro, termo da impressão das *Camadas Infimas*, de Oldemiro Cesar.

Em 2 de Fevereiro, n.º 33 da *Vida Portuguesa*.

EM BREVES DIAS

REVOLTADOS

1 vol. (Desbravando terreno)

por J. E. da Costa Cabral.

F. FRANÇA & ARMENIO

LIVREIROS EDITORES

Livros nacionaes e estrangeiros. Assignaturas para todas as revistas e jornaes do mundo

Arco d'Almedina, 2 — COIMBRA

F. FRANÇA AMADO

LIVREIRO-EDITOR

Rua Ferreira Borges — COIMBRA

Correspondencia directa com os principaes centros litterarios

VAGO



